



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6861 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 16 - Educação e Comunicação

ORIENTAÇÃO DE TRABALHOS FINAIS NOS CURSOS ONLINE EM PORTUGAL E BRASIL: A FORMAÇÃO DOS FORMADORES

Paulo Roberto Prado Constantino - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP

ORIENTAÇÃO DE TRABALHOS FINAIS NOS CURSOS ONLINE EM PORTUGAL E BRASIL: A FORMAÇÃO DOS FORMADORES

Este artigo toma parte em uma investigação mais ampla sobre a formação, os fundamentos e práticas de orientação das pesquisas e trabalhos finais [dissertações, teses, monografias], com foco em instituições educacionais de ensino superior em Portugal e no Brasil que ofertam cursos *online*. No presente recorte, pretendeu-se mapear a formação inicial e continuada de um grupo de orientadores investigados.

No Brasil, a função do professor orientador de trabalhos finais está estabelecida no quadro funcional da educação a distância (ALBUQUERQUE et al., 2015), enquanto em Portugal a regulamentação específica veio em setembro de 2019, ao ter sido publicado o Decreto-Lei nº 133/2019 (PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS, 2019). No entanto, neste diploma não foi explicitado o perfil funcional do orientador.

De qualquer modo, trata-se de uma atividade de suma importância no contexto da educação superior, como constatou Minayo (2019) em seus apontamentos, ao reafirmá-la como crucial para o sucesso dos programas acadêmicos, mas também para o prestígio e a viabilidade financeira das instituições (MINAYO, 2019). Daí adviria a necessidade de ultrapassar o que Chassot (2006) demarcou como os primórdios de uma orientação ‘virtual’ – baseada na troca de disquetes rígidos de computadores pessoais e e-mails, adaptando-se aos recursos tecnológicos, didáticos e às atividades educacionais contemporâneas.

Quanto à metodologia e caracterização, a pesquisa apresentou um caráter exploratório quanto aos seus objetivos. Foi desenvolvida durante os anos de 2017 e 2018 entre professores orientadores de trabalhos finais em diferentes ofertas formativas em Portugal e no Brasil, contando com oito profissionais que atuavam em instituições como a Universidade Aberta [Portugal], Universidade Estadual Paulista e o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza [Brasil]. A identificação e seleção dos sujeitos baseou-se em critérios de conveniência e de sua atuação e experiência na área educacional, e as entrevistas foram feitas presencialmente e por videoconferência.

Empregou-se posteriormente uma abordagem baseada na análise de conteúdo (BARDIN, 1977), enfatizando a presença e frequência das respostas obtidas. Partiu-se de um

roteiro de entrevista semi-diretiva que incluiu, dentre outras dimensões, os possíveis formatos de formação inicial ou continuada para a orientação, a frequência em programas de aperfeiçoamento, os referenciais teóricos que os sujeitos empregaram ou ao menos consultaram em algum momento – desde que relacionados diretamente à atividade, bem como outras referências e indicadores que teriam moldado, formal ou informalmente, a respectiva trajetória profissional e acadêmica de orientação de pesquisas e trabalhos finais.

Dirigindo-se aos resultados obtidos, destacamos alguns pontos de relevo. O grupo tinha em média 9,2 anos de experiência na orientação de trabalhos finais em cursos semipresenciais ou exclusivamente *online*. Entre monografias ou artigos de conclusão, dissertações e teses, tinham concluído 48 trabalhos até o final do primeiro semestre de 2018. Todos possuíam experiências de supervisão anteriores em cursos presenciais.

Quanto à formação para as atividades que desempenhavam, a totalidade dos entrevistados mencionou não ter participado de nenhum tipo de formação inicial ou continuada direcionada à orientação, expondo uma lacuna importante nos programas e iniciativas de formação profissional. Em nossas pesquisas, identificamos cursos de curta duração oferecidos em Inglaterra, Bélgica e Holanda, empreendidos somente a partir do ano de 2018, e não necessariamente ligados às ofertas *online*.

Tais cursos poderiam tornar-se disponíveis em quantidade e facilidade de acesso, o que se apresenta como um desafio para os formadores em nível de pós-graduação no Brasil e em Portugal. Atendendo às peculiaridades dos cursos *online*, torna-se necessário somar às competências e expectativas mapeadas para a orientação de pesquisas e trabalhos finais aquelas impostas pelas condições e a pedagogia específica da modalidade: aspectos relacionados às interações mediadas pelas tecnologias da informação e comunicação, formatos de *feedback* a serem oferecidos, a construção conjunta e a comunicação dos objetivos das pesquisas, engajamento nas atividades acadêmicas, organização e rotina de estudos, o acesso de orientadores e orientandos às ferramentas e ao instrumental inerente aos tipos de investigações desenvolvidas, entre outros pontos.

Quanto ao acesso e familiaridade com a literatura relacionada à orientação e supervisão de pesquisas, apenas um entrevistado [E4] mencionou ter efetivado leituras de autores ingleses sobre a temática, sem rememorar-los. Presume-se que estes trabalhos não circulam a contento, especialmente em língua portuguesa, ainda que a dificuldade com o idioma não seja o fator determinante, dado o nível de proficiência exigido dos orientadores em seus respectivos campos. Em nossa visão, o problema estaria mais ligado à uma cultura de individualidade e pessoalidade da atividade de orientação.

Como constatou Gill Turner (2015), esta experiência costuma ser variável e pessoal, o que foi apontado nas entrevistas que conduzimos. Ao solicitar referências pessoais ou informais, exemplos nas trajetórias profissionais de orientação e de como foram orientados, 75% dos entrevistados reforçaram este caráter personalista da atuação, afirmando que dependeria “do estilo do professor e que, aliás, nem os orientadores [de cursos] presenciais tiveram informações sobre como orientar seus orientandos” (E2), ou que “existiria uma dimensão de também ter passado por esse processo, porque todos nós já fomos orientados e sabemos o que funciona o que não funciona, o que gostaríamos que fosse diferente” (E3).

Finalmente, para além de fomentar o debate em um campo ainda pouco explorado, os resultados nos permitiram identificar lacunas e oportunidades para a formação inicial e continuada destes profissionais da educação. A atividade de orientação, tradicionalmente estabelecida nos cursos presenciais, foi sendo aos poucos transposta para novas modalidades de cursos semipresenciais ou totalmente a distância, requerendo aprofundamento conceitual e

maior atenção nos cursos de formação continuada, a fim de promover a circulação e o debate dos múltiplos aspectos envolvidos.

Palavras-chave: Orientação de trabalhos finais. Educação *online*. Formação de formadores.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula. et al. Elementos norteadores para orientação na educação a distância. In: *Anais do III Simpósio Internacional de Educação a Distância e V Simpósio de Educação Inclusiva e Adaptações*. Presidente Prudente: FCT/CPIDES, 2015. p.720-729.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

CHASSOT, A. I. Orientação virtual: uma nova realidade. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (orgs). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações*. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; São Paulo: Cortez, 2006. p.89-108.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Orientação de mestrandos e doutorandos como atividade profissional. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 35, n.10, 2019. p.01-04. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2019001200301&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 mai. 2020.

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS [Portugal]. Decreto-Lei nº 133/2019, de 03 de setembro de 2019 – Aprova o regime jurídico do ensino superior ministrado a distância. *Diário da República*, nº 168, p. 49. Disponível em: <https://dre.pt/application/file/a/124392105>. Acesso em: 12 set. 2019.

TURNER, Gill. Learning to supervise: four journeys, *Innovations in Education and Teaching International*, v.1, n. 52, 2015, p.86-98.